



Ensaio de um olhar para as rodas na cultura agroecológica e o encantamento como política de vida

Essay looking at the wheels in agroecological culture and enchantment as a life policy

AZZI, Tatiana Amaral Bunahum;
Universidade Federal Fluminense; tatianaazzi@id.uff.br;

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo trazer o olhar para a contribuição das rodas e redes nos processos de construção de narrativas sob a perspectiva agroecológica. Esses elementos estão presentes nas práticas e nos processos comunicativos, educativos e participativos, capazes de gerar e cultivar dinâmicas de transformação social. A investigação se deu a partir de participação-observativa compondo coletivos e articulações em rede que me proporcionaram identificar uma cultura agroecológica. Assim, percebi nas rodas espaço potencial de ocorrer uma energia circular e espiral, que, além de fazer comunicar em Terra, faz acontecer magia e pode tocar o céu. Esse movimento em rede, malhas tecidas por nós, movimentam planos em uma direção. Nesse sentido, o encantamento como política de vida nos possibilita ampliar as leituras de mundo, tendo em vista a comunicação, a cultura e a arte como meios e canais de processos educativos que cultuam a Agroecologia e os plurais modos de vida.

Palavras-chave: natureza, espiritualidade, coletividade, processos.

Introdução

Escrevo como caminhante geográfica-agroecológica que, no encontro de rios com a agroecologia, pôde perceber uma confluência de culturas ancestrais, plurais e diversas que foi sendo entendido como uma cultura agroecológica: modo de vida onde se cultua naturezas. Essa cultura tem em suas raízes saberes-fazeres dos povos originários, dos campos, das águas, das florestas, povos indígenas, de matriz africana e quilombolas.

Esse modo de vida pratica os cultos à natureza em respeito a seu ritmo, interagindo os ciclos e espaços, o culto à fé e os saberes-fazeres coletivos. Nesse cultivo, há a atribuição de significados elementais de identidade e comunicação com o todo, visível e sentido. O sentir, presente como afirmação das subjetividades, legitima as diferenças, diversidades, pluralidades, cosmovisões e a agrofloresta de saberes nessa ecologia.

Com o intuito de olhar para os processos de construção de narrativas sob a perspectiva agroecológica, buscarei tecer fio entre essa cultura agroecológica, presente nos espaços e nas práticas, com a organização em rodas e redes presentes nessa cultura como potencializadores dos processos educativos e comunicacionais, abertos e participativos, que geram e alimentam dinâmicas de



transformações sociais. Para isso, traço olhar atento e sensível para as rodas e redes como formas e potências na construção e alimentação dessa cultura. O encantamento como política de vida nos aponta pistas para ampliar o olhar sobre os meios.

Peço licença para listar os quatro pontos centrais que o eixo temático que recebe esse trabalho objetiva dar centralidade, e, observar o que há em comum entre eles:

- ações de comunicação em rede;
- cultura popular associada a processos educativos;
- conhecimentos e expressões de matriz africana, indígena, das camponesas e camponeses e dos povos tradicionais;
- práticas artísticas, festividades, artesanias, práticas religiosas, musicalidades, entre outras;

Todos os pontos de centralidade do eixo têm nas rodas, potência de vida. As rodas, enquanto espaço vivo de comunicação, propiciam conectar partes do todo, a partir de cada ser ali presente, que representam muitas e muitos outros seres, formando e atuando em rede. Essa forma de se organizar no espaço configura um canal circular energético que dá forma espacial ao mesmo tempo que atua através de vida própria pelo fluir energético, o que contribui nas construções coletivas, processos comunicacionais e manifestações e expressões culturais, todos processos formativos-educativos. Tal arranjo ocorre em diferentes contextos comunitários: na partilha de saberes, alimentos, acordos, celebrações, ritos. Ou seja, a roda assume um lugar fundamental nas construções de narrativas e construções coletivas que envolvem comunicação, cultura e arte, associadas a processos, construções, espiritualidades, manifestações artísticas e coletividade.

Metodologia

Investigação participativa-observativa a partir de encontros de agroecologia locais, estaduais e nacionais desde 2019 quando adentrei meu primeiro coletivo agroecológico, em formato de projeto de extensão na Universidade Federal Fluminense (UFF), o Mutirão de Agricultura Ecológica - MÃE. A participação no I Encontro da Rede de Agroecologia da UFF me abriu o olhar para agroecologia enquanto rede, depois Encontro Regional dos Grupos de Agroecologia do Sudeste (ERGA-SE) e Caravana do Sudeste para o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia. Anos pandêmicos atuando em rede através das possibilidades virtuais na organização de entrega de cestas agroecológicas, construções coletivas de semanas de agroecologia virtuais, até o retorno das atividades presenciais. Desde então foram muitos os encontros e momentos agroecológicos que contribuíram para esse olhar, construído coletivamente a cada troca, cada roda, cada canto, cada dança, cada sentir nesses caminhares. Hoje além de fazer parte da Rede UFF, atuo na construção da tessitura da Teia dos Povos RJ, associada da Associação Agroecológica de Teresópolis (AAT) e integrante da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) como representante da regional Serrana.



Resultados e Discussão

Mais do que ver, pode-se sentir a energia potencializadora das rodas na agroecologia.

A roda, enquanto arranjo espacial, configura espaço de comunicação entre o visível e o invisível, a partir do encanto. A cultura agroecológica, composta por culturas de matriz africana, indígena e de povos originários, entoam tambores, cantos, danças expressas nas rodas de jongo, samba, em volta da fogueira, em rodas de conversa, diálogos e construção coletiva, onde se encontra o encanto. As rodas, nessa configuração, exercem funções educativas de distintas ordens. Os seres que por aqui passam nos deixam pistas e rastros. Os seres que por aqui habitam são canais comunicativos em potencial. As camadas sutis não estão separadas, assim como seres humanos e natureza. Somos natureza. A natureza e todos os espíritos habitantes de passagem nessa Terra. As rodas seriam, então, como um canal de comunicação entre o céu e a terra, ativando um fio comunica(dor) e comunic(ativo). Ali estão postas as mandingas, os sentires e muito do que só se pode sentir. Rodas seriam assim espaços de cur(ativa), que cultuam esse fio comunica(dor) e comunic(ativo).

Tal qual as rodas e os círculos, todas as coisas estão conectadas. Entendendo a Terra como um organismo vivo, nesse sentido, pode-se aguçar o olhar para ver também os espaços vivos, tal qual as rodas, como organismos que contém vida própria. Em diferente escala, todas as partes de um todo se conectam e são fundamentais para seguir vital, pulsante e, sobretudo, conectado.

De maneira a configurar um arranjo espacial, as rodas comunicam partes entre si e, para além, comunicam como todo. O gira mundo presente na capoeira, nos ensina a grandiosidade de uma roda, que alcança dimensões visíveis e não visíveis. Chamar Gira Mundo, nesse sentido, pode ser entendido também como convocar as encantadas e os encantados que por aqui habitam e se conectam conosco viventes e supraviventes terrenos, tal qual nas rodas de jongo, gira, samba, capoeira, fazendo comunicar e comunicando o que e para além do que se pode ver. Em circular e espiral, a energia da troca flui, fazendo ecoar outros planos de existência que coabitam em harmonia com este que palpamos. O que diria Ana Primavesi dessa ecologia de seres?

Nesse espaço comunicacional, acontecem prosas que muito se pode ouvir, aqueles e aquelas que se colocam a escutar. Muito se pode ver os olhos atentos pro encanto. Muito se pode sentir aqueles abertos a trocar, perpassar, deixar fundir com o todo, deixar ser natureza. As rodas, nesse sentido, exercem também funções educativas de distintas ordens: os seres que por aqui passam nos deixam pistas e rastros, os seres que por aqui habitam são canais comunicativos em potencial. As camadas sutis não estão separadas, assim como humanos e natureza. Somos natureza. A natureza e todos os espíritos habitantes de passagem nessa Terra. O alargamento das gramáticas aponta nessa direção.



A noção de encantamento vem sendo trabalhada ao longo dos anos, segundo Simas e Rufino (2020), como uma *gira política e poética* que fala sobre outros modos de existir e de praticar o saber: “O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza”. A noção de encantamento traz o “*princípio da integração entre todos as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade)*”.

Desse modo, encantar, então, é o ato de subverter lógicas hegemônicas de leitura de mundo que operam sob as lentes do colonizador, alargando as compreensões de sentidos e interpretações de mundo que operam na coletividade, integração a natureza, e manutenção da vida a partir de diferentes modos. Na contribuição para diferentes entendimentos, a educação, comunicação, cultura e arte se fazem presente, em rodas, integrando a cultura agroecológica, enquanto processos populares potencializadores da construção de narrativas sob a perspectiva agroecológica. Nesse sentido, “A *Pedagogia das Encruzilhadas* opera diretamente no alargamento de possibilidades explicativas de mundo e consequentemente no cruzo dessas possibilidades.” (Rufino, 2019).

Conclusões

O sentir, como modo de fazer ciência, é agroecologia. Através do sentir, como gerador de produção de ciência, símbolos e significados e a sensibilização a partir do encanto, alargando a compreensão de vida, pode-se compreender a comunicação, a cultura e a arte como recursos potencializadores que contribuem para colocar a agroecologia na boca do povo. Portanto, “o ponto está riscado: há que se ler a poética para se entender a política, há que se ler o encanto para se entender a ciência” (Simas e Rufino, 2018, p.16).

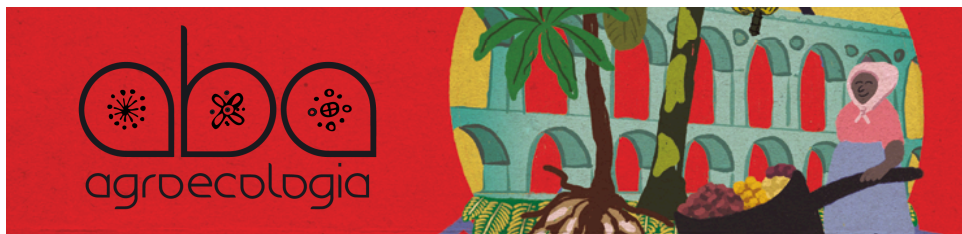
Agradecimentos

A todas e todos os seres que cruzaram meu caminho. Eu aprendo muito com vocês.

Referências:

RUFINO, Luiz. **PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS Exu como Educação**. Rev. Exitus, Santarém, v. 9, n. 4, p. 262-289, out. 2019. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602019000400262&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 jul. 2023. Epub 15-Maio-2020. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n4id1012>.

SIMAS, Luíz; RUFINO, Luiz. **Encantamento: Sobre Política de Vida**. Mórula Editorial, Rio de Janeiro, 2020.



SIMAS, Luíz; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas.** Mórula Editorial, Rio de Janeiro, 2018.